

A EXCELÊNCIA HERÓICA NA LUTA CONTRA O DRAGÃO: UM MOTIVO ÉPICO NO ROMANCE BIZANTINO *CALÍMACO E CRISÓRROE*

Rui Carlos FONSECA

rui_carlos_@hotmail.com

Centro de Estudos Clássicos

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

RESUMO

Neste artigo, discute-se o motivo épico tradicional da luta contra o dragão como etapa necessária à legitimação do perfil heróico no romance bizantino do século XIV *Calímaco e Crisórroe*. Nesse sentido, comentam-se os três episódios em que Calímaco vence os dragões do castelo, mas nem sempre mediante o confronto directo: se, por um lado, age com valor à semelhança do guerreiro homérico, por outro lado, herdeiro dos modelos helenísticos, deixa-se levar pela indolência amorosa.

PALAVRAS-CHAVE

Dragão, castelo, viagem, herói romanesco, herói épico.

O dragão pertence ao imaginário folclórico sendo uma figura constante nos contos de fadas tradicionais e nas aventuras cavaleirescas da Idade Média. O uso literário do dragão remonta porém à tradição épica antiga, representando aí o meio pelo qual o guerreiro destemido vê legitimado o seu estatuto de herói. Abundam nas epopeias antigas os combates contra dragões, seres monstruosos e entidades sobre-humanas: no *Gilgamesh*, o rei de Uruk derrota o gigante Humbaba; na *Iliada*, Aquiles escapa ao ataque do deus-rio Escamandro; na *Odisseia*, Ulisses fere o ciclope Polifemo; nos *Argonautica*, Jasão rouba o velo dourado ao dragão da floresta sagrada da Cólquida; no *Beowulf*, o herói dos Godos extermina monstros, entre os quais o gigante canibalesco Grendel e um dragão feroz; na epopeia dos *Nibelungos*, Siegfried triunfa sobre o dragão no caminho até à corte dos Burgúndios. A vitória sobre tais criaturas de força desmedida, que nenhum outro mortal ousaria enfrentar, valida o carácter excepcional do herói épico ao mesmo tempo que o torna imortal na memória das gerações vindouras, enquanto objecto de celebração e louvor nos cantos heróicos.

Neste trabalho, pretendo analisar o enquadramento romanesco do motivo épico tradicional da luta contra o dragão. Para o efeito, comentarei três momentos relevantes do romance bizantino *Calímaco e Crisórroe*, datado do século XIV e cuja autoria é

habitualmente atribuída a Andronico Paleólogo¹. Esses três momentos correspondem a episódios em que o herói enfrenta dragões – os dragões que guardam o castelo, o dragão senhor do castelo e o dragão de fumo –, mostrando-se-lhes superior, mas nem sempre mediante a luta directa.

Lutar contra o dragão não é um feito concretizado pelos heróis do romance helenístico, mas um motivo épico adaptado a este romance bizantino em apreço. Calímaco assume traços de herói épico mais facilmente do que os seus antecessores romanescos, nenhum dos quais enfrenta o terrível perigo do dragão. Calímaco, pelo contrário, mostra-se superior não a um mas a três dragões, e os três de natureza diversa. Roderick Beaton chega mesmo a afirmar que Calímaco “is far more man of action than any Greek romance hero since Chaireas (who distinguishes himself in war before he can be reunited with his wife Callirrhoe)”².

Calímaco é o príncipe mais novo de três irmãos e dos três o mais ousado e destemido. O seu pai, um rei bárbaro, detentor de uma riqueza imensa, amando os seus filhos por igual mas não sabendo qual deles nomear o sucessor do reino, envia os jovens príncipes em campanha, a fim de cada um poder demonstrar o seu valor. Aquele que seguir a conduta mais digna de um rei e alcançar o maior troféu de glória tornar-se-á o próximo monarca do império. É esta a situação que abre o romance.

O primeiro episódio de Calímaco contra o ser feroz não inclui uma luta efectiva no sentido tradicional das lutas contra o dragão. Não há, na verdade, um encontro bélico entre o herói e o monstro feroz. Não deixa de haver, porém, a supremacia do primeiro em relação ao segundo.

Depois de atravessarem numerosas terras e de subirem montanhas que lhes pareciam inacessíveis, os três jovens chegam ao maravilhoso castelo do dragão, onde Calímaco, distinguindo-se dos dois irmãos mais velhos, não teme os dragões aterradores que guardam a entrada do castelo. O espanto emanado pelo resplendor do ouro e das pedras preciosas que adornam o castelo é, na verdade, proporcional ao temor provocado pelas feras monstruosas que vigiam, sem descanso, este local assombroso. O castelo seduz com o seu ouro resplandecente ao mesmo tempo que afugenta com os seus porteiros terríficos.

Os dragões de guarda aos portões do castelo são mencionados no início da extensa écfrase, que se prolonga do exterior para o interior da fortaleza dourada, até à câmara do dragão, onde Calímaco vê pela primeira vez Crisórroe suspensa do tecto, como parte integrante da pintura que embeleza a abóboda. Entre os versos 189-193, lê-se que as gigantescas portas da entrada estão protegidas por feras prodigiosas, dragões assustadores que matam alguém de medo só de os ver.

Καὶ ζῶντες ὄφεις εἰς αὐτὰς τὰς κεκλεισμένας πύλας,
ὄφεις μεγάλοι, φοβεροὶ καὶ θῆρες παρὰ φύσιν,
ἄγρυπνοι φύλακες ὅξεϊς τοῦ τηλικούτου κάστρου
ὀρμῶσι, δράκοντες φρικτοὶ καὶ πυλωροὶ θηρία,
ἃ τις ἰδὼν ἀπέθανεν ἀπὸ τ᾽οὔ φόβου μόνου.

¹ Sobre a autoria e a datação deste romance, vide M. Pichard, “Introduction”, *Le Roman de Callimaque et de Chrysorhoé*, Paris, 1956, xv-xxxi; J. B. Bergua, “Noticia Preliminar”, *La novela bizantina: Las Etiopicas, Aventuras de Leukippé y Kleitofón, La Novela de Kallimachos y Chrisorroé*, Madrid, 1965, 525-527; G. Betts, “Introduction to Kallimachos and Chrysorroi”, *Three Medieval Greek Romances*, New York-London, 1995, 33-36; R. Beaton, *The Medieval Greek Romance*, 2nd ed., London-New York, 1996, 104-105; R. Beaton, “The Byzantine Revival of the Ancient Novel”, in G. Schmeling (ed.), *The Novel in the Ancient World*, Boston-Leiden, 2003, 723-724.

² Beaton, “The Byzantine Revival...”, 725.

Havia serpentes vivas diante dos portões cerrados, serpentes gigantescas, aterradoras, de aspecto monstruoso, guardas vigilantes de tão imponente castelo, sem nunca precisarem de descansar, sempre prontos para o defender. Eram pois dragões terríficos estes porteiros ferozes: uma pessoa morreria de medo só de os ver.³

As diferentes reacções dos irmãos separam-nos em termos de excelência: enquanto os dois príncipes mais velhos se decidem pela atitude mais prudente (afastam-se desta fortaleza, pois consideram desnecessário combater contra tais monstros ferozes, julgando perdida qualquer tentativa de ataque), Calímaco, pelo contrário, resolve enfrentar o perigo até ao qual a Sorte o conduziu. Ele avança assim para o interior do castelo, resolvido a matar o temível adversário (seja ele que monstro for) ou a ser destruído por ele, qual guerreiro homérico que parte para o campo de combate para matar ou morrer às mãos de um adversário melhor.

Os contornos épicos da figura de Calímaco revelam-se, antes de tudo, pela sua intransigência na relação com os irmãos. Essa é a qualidade própria do retrato de um herói épico, como mostra o exemplo de Aquiles, inflexível na sua decisão de não voltar a combater pelos Aqueus, no canto 9 da *Ilíada*. Além disso, neste episódio, o irmão mais novo supera os outros em coragem, não receando a temível visão dos dragões porteiros, nem as adversidades que a Fortuna lhe reserva ao tê-lo trazido até ao castelo⁴, local que é visto ao mesmo tempo com espanto e com pavor.

O comportamento heróico do mais novo dos príncipes manifesta-se também pelo seu carácter de excepção. Calímaco protagoniza um feito único, pois nenhuma outra personagem do romance consegue superar o medo dos dragões de guarda à fortaleza e transpor as muralhas prodigiosas do castelo. Num momento mais avançado do romance (vv. 950-999), um outro rei, nobre e poderoso, acompanhado por um séquito de soldados e conselheiros de guerra, vê-se obrigado a tomar a mesma atitude que os dois irmãos de Calímaco de não atacar o castelo, por causa do terror que os dragões das muralhas inspiram nos homens. A imponente do castelo, adornado de pedras preciosas e protegido por monstros ferozes, é a sua principal defesa contra os invasores. Apenas para Calímaco o castelo não é inexpugnável.

O receio da morte privada de testemunhas, que impede a fama de se espalhar entre os homens, constitui igualmente um elemento tradicional da épica antiga. Tanto Aquiles (no episódio da luta com o deus-río Escamandro, em *Ilíada* 21.265-283) como Ulisses (no episódio da tempestade de Posídon, em *Odisseia* 5.297-314) consideram ultrajante a morte pelo mar, devido ao facto de essa situação ocorrer sem acesso a testemunhas que possam depois propagar o renome do herói morto. A guerra que se faz no tumulto do campo de batalha entre companheiros e adversários é, por isso, muitas vezes designada *κυδιάνειρα* [“glorificadora dos homens”]⁵, porque concede notoriedade a quem a ela se entrega.

Os dois irmãos mais velhos aconselham o mais novo a não entrar na morada de monstros que o castelo aparenta ser, pois, mesmo na hipótese remota de ele conseguir

³ Para as citações de *Calímaco e Crisórore*, sigo a edição de C. Cupane, *Romanzi Cavallereschi Bizantini*, Torino, 1995. A tradução é da minha responsabilidade.

⁴ Sobre o poder da Fortuna e os seus movimentos inconstantes neste romance bizantino, vide G. Van Steen, “Destined to be? Tyche in Chariton’s *Chaereas and Callirhoe* and in the Byzantine Romance of *Kallimachos and Chrysorroï*”, *L’Antiquité Classique* 67, 1998, 203-211.

⁵ *Il.* 4.225, 6.124, 7.113, 8.448, 12.325, 13.270, 14.155, 24.391.

triunfar sobre algum oponente sobre-humano, a sua proeza ficaria por celebrar: a beleza do gesto não se mostraria aos homens (ἄδελον τὸ καλόν, v. 258), a sua ventura não seria testemunhada (ἀμάρτυρον τὴν τύχην, v. 258). Calímaco não hesita em arriscar a vida face à iminência do perigo, enquanto os seus dois irmãos preferem a fuga numa atitude que na tradição épica da guerra denota a vergonhosa cobardia. Curiosamente, ao abandonarem o local prodigioso onde se separam do irmão, eles próprios presenciam a valentia e a bravura que o caracterizam, testemunhando por conseguinte esse heroísmo incógnito de Calímaco.

Realizando um feito extraordinário, que o distingue dos homens comuns, na medida em que mais ninguém se atreve a enfrentar as aterradoras criaturas das muralhas, Calímaco iguala-se, neste episódio, aos notáveis heróis da epopeia antiga. A sua temeridade vem contudo enquadrada por traços romanescos, que o fazem desviar-se das normas épicas de combate. Os muros e as torres do castelo são tão altos que atingem os píncaros do céu (Τὸ τεῖχος ἦτον ὑψηλόν, v. 178; εἶχεν γὰρ πύργους ὑψηλοῦς, οὐρανομήκεις τοίχους, v. 202), pelo que o acesso ao interior só é possível por vias secundárias. Na verdade, este herói romanesco não receia os dragões vigilantes, mas também não os defronta. Ao contornar o castelo, Calímaco encontra uma pequena reentrância onde prende a sua lança que lhe permite balanço suficiente para transpor a muralha e assim cair em pleno átrio do castelo (vv. 269-279). Este estratagema de enfrentar o perigo, evitando o perigo maior (a ameaça de lutar contra os dragões das muralhas), prefigura o contexto romanesco em que decorre a morte do dragão antropófago no interior desta morada de monstros.

O senhor absoluto do castelo, o monarca cruel que mantém Crisórore prisioneira, não é senão um dragão. Tal como no primeiro episódio, também neste segundo a luta do herói com o monstro não se faz da maneira mais tradicional, uma vez que Calímaco parece perder a intrepidez que o caracterizou na relação com os irmãos. À vista deste dragão, o herói fica desarmado de todo o seu valor, esconde-se para não ser descoberto e, no momento oportuno para o ataque, sai do esconderijo a tremer de medo (v. 558), sendo apenas capaz de matar o dragão graças às instruções da donzela cativa. Já Carolina Cupane referira a metamorfose operada em Calímaco: junto dos irmãos, prefere a morte a renunciar à aventura, mas mal vê Crisórore a coragem dá lugar à fragilidade amorosa, à hipersensibilidade romanesca que é herdada em linha directa dos modelos helenísticos⁶.

É Calírore quem fala pela primeira vez do senhor do castelo a Calímaco, antes de o herói o encontrar. A donzela cativa apresenta-o como um dragão devorador de homens (Ὀσπῆτιν τοῦτο δράκοντος, οἶκος ἀνθρωποφάγου, v. 489), de força desmedida como é próprio dos dragões que devoram homens (Δράκος τὴν ἰσχύν, ἀνθρωποφάγου ῥῆγμα, v. 492). O dragão, insuflado de sentimentos desumanos e com um coração imune às chamadas de Eros, chega à câmara onde tortura a jovem cativa pelo simples prazer de atormentar. Calímaco nada faz para libertar Crisórore do suplício de que é vítima, mantendo-se escondido num recanto dos aposentos. Além de ter perdido a sua coragem, o herói não demonstra possuir sentimentos nobres, ao permitir que a jovem bela seja mutilada e tratada de forma tão cruel.

⁶ C. Cupane, “Il motivo del castello nella narrativa tardo-bizantina”, *Jahrbuch der Österreichischen Byzantinistik* 27, 1978, 241, n. 42. Sobre o mesmo tema, cf. também H. Hunger, “Un roman byzantin et son atmosphère: Callimaque et Chrysorroë”, *Travaux et Mémoires* 3, 1968, 409-411; P. Agapitos, “Genre, Structure, and Poetics in the Byzantine Vernacular Romances of Love”, *Symbolae Osloenses* 79, 2004, 28.

Da cena de tortura, a que o dragão se dedica com “sádico refinamiento”⁷, passa-se para o sumptuoso banquete, contraposto à ração frugal que é dada a Crisórroe (um pedaço de pão de má qualidade, acompanhado apenas por um sorvo mínimo de água – vv. 521-529). O dragão, pelo contrário, come em abundância (a mesa aparece-lhe magicamente cheia de iguarias exóticas) e mostra-se insaciável na bebida, a ponto de cair vencido pelo sono. García Gual refere-se a esta figura como um “lamentable dragón, sin nombre ni prestancia”⁸.

Só mais tarde, estando já morto o monstro cruel, o leitor fica a conhecer a ligação que existia entre o dragão e a jovem refém, bem como o motivo de tamanha atrocidade para com ela. Crisórroe conta ao seu salvador que era filha de ilustres imperadores, e detentora de uma beleza extraordinária, que causou a devastação do reino e a morte da família e dos habitantes. Por ver sempre rejeitados os seus pedidos de casamento, o dragão controlou o curso do rio que abastecia as terras do reino deixando-as estéreis; engoliu todos os animais do império; por fim, devorou todos os habitantes sem deixar nenhum sobrevivente, e raptou a princesa levando-a para o castelo (vv. 648-693).

Tendo em conta o histórico desta criatura monstruosa, que devora todos e que ninguém consegue deter, de que meios se serve então Calímaco para a derrotar? Incentivado pela princesa, cujas orientações hesita em cumprir, o jovem estrangeiro pega na espada do próprio dragão e com ela o mata, cortando-o em dois, enquanto este dormia, vencido pelas grandes quantidades ingeridas de comida e de vinho.

O massacre do dragão não vem desenvolvido com aparato ou grandeza, nem da parte do executor, nem da parte do executado, sendo o acto derradeiro relatado com informação muito breve. Nota Castillo Ramírez que este combate não é descrito com detalhe, apenas se mencionando o momento em que se acaba com a vida do dragão⁹. A verdade é que não chega a haver um combate efectivo em que uma personagem ataca e outra se defende. Contrariamente aos dragões e serpentes que guardam as entradas da fortaleza em vigília permanente, o senhor absolto do castelo morre durante o sono, tendo-se abandonado a um período de descanso, depois de um lauto banquete.

Calímaco perde a grandeza heróica que demonstrara possuir na companhia dos irmãos (ao ser o único dos três a querer enfrentar o castelo inexpugnável), mas neste segundo episódio com um dragão é Crisórroe quem fica engrandecida, devido à sua altivez e presença de espírito, mesmo que afligida por condições adversas, como a exposição corporal e a tortura. Ela não é mera adjuvante do estrangeiro que a liberta, mas a responsável primeira pela morte do dragão.

Apesar dos traços romanescos na caracterização dos jovens protagonistas, reconhecem-se todavia neste episódio reminiscências de motivos épicos. A maneira como o dragão perde a vida faz lembrar a cegueira do ciclope homérico, enquanto este dormia, subjugado pelo vinho que Ulisses lhe oferecera, no canto 9 da *Odisseia*¹⁰. Por outro lado, não é incomum na tradição dos cantos épicos a vitória do herói conseguida pelo apoio de um companheiro ou até mesmo pela ajuda de uma mulher. Sem os feitiços de Medeia Jasão não teria conseguido roubar o velo dourado ao dragão que o guardava, no canto 4 dos *Argonautica*. Ulisses teria perecido na tempestade levantada por Posídon, não fossem a ninfa Ino e a deusa Atena irem em seu auxílio, para o protegerem da violência das águas, no canto 5 da *Odisseia*. Graças à protecção da filha de Zeus, Diomedes fere duas divindades no campo de batalha, no canto 5 da *Ilíada*, e até Aquiles

⁷ C. García Gual, “Introducción”, *Calímaco y Crisórroe*, Madrid, 1990, 26.

⁸ García Gual, “Introducción”, 24.

⁹ E. Castillo Ramírez, “El Calímaco y Crisórroe a la luz del análisis del cuento de V. Propp”, *Erytheia* 21, 2000, 109.

¹⁰ Cf. Castillo Ramírez, “El Calímaco y Crisórroe...”, 109.

conta com a intervenção divina no confronto com o deus-rio Escamandro, no canto 21 da *Iliada*. Na epopeia mesopotâmica, Gilgamesh derruba o gigante Humbaba num ataque conjunto com o seu fiel amigo e companheiro de viagem, Enkidu. Crisóroo representa, sob este ponto de vista, a figura típica que, nos cantos épicos, costuma prestar auxílio ao herói no momento decisivo da luta contra dragões ou seres sobre-humanos¹¹.

Ao vencer o dragão do castelo, Calímaco ganha para esposa Crisóroo, que acaba por perder depois de destruir o último dragão.

Um rei estrangeiro, enamorado pela jovem princesa, pede ajuda a uma velha bruxa para raptar Crisóroo do castelo, cujos dragões de guarda o seu exército receia combater. A bruxa serve-se de uma maçã dourada para causar a morte temporária de Calímaco (a maçã envenenada conhecida dos contos das fadas¹²) e recorre à figura do dragão para tornar possível a sua entrada no castelo e a consequente entrega de Crisóroo ao rei estrangeiro.

O dragão da bruxa é o único dos três que neste romance vai ao encontro do herói, uma vez que não reside no castelo resplandecente, vindo do exterior. É Calímaco que decide avançar para o castelo e nesse sentido é ele que se aproxima dos dragões que vigiam as muralhas e do dragão que vive na fortaleza dourada, vencendo-os, ainda que não os defrontando num encontro bélico. Foram estes monstros que o levaram a conhecer Crisóroo. Quando lhe aparece o dragão da bruxa, o jovem protagoniza a sua primeira luta efectiva, depois da qual, embora vencedor, se vê afastado da mulher¹³.

Este terceiro episódio consiste no encontro frontal entre o herói e o dragão, quase assumindo contornos de um verdadeiro combate do tipo épico ou cavaleiresco, não fosse o facto de este terceiro monstro não ser real, mas formado por artifícios mágicos da bruxa. No momento em que Calímaco lhe corta a cabeça, o monstro desvanece-se no ar. Não é senão “un mero fantasma”¹⁴. Não deixa de ser curioso notar a construção habilidosa deste romance, que apresenta formas diversificadas de lutas contra dragões: quando os dragões são reais, o combate não chega a concretizar-se ou decorre de maneira marginal, com o herói a desviar-se da obrigação da tarefa; quando porém o dragão não tem uma existência material, o combate realiza-se num encontro directo marcado pelo desempenho excepcional do herói.

¹¹ Contrária é a posição de García Gual: “No hay, pues, resonancias épicas en este enfrentamiento. El audaz Calímaco sale de su escondite y descuartiza de un violento tajo al monstruo, mientras éste se halla sumido en los sopores de la siesta, una siesta tan pesada que ni siquiera percibe el primer golpe que nuestro héroe le asesta con la espada que no logra traspasar la piel paquidérmica. Los consejos de Crisóroo le han sido de la mayor utilidad al héroe para tan rápida victoria. Estamos ante una victoria de un cuento fabuloso, no ante una secuencia épica, evidentemente.” García Gual, “Introducción”, 27.

¹² “The romance *Callimachus and Chrysorrhoe* is the most fabulous of the preserved [Byzantine vernacular] romances”, W. J. Aerts, “The ‘Entführung aus dem Serail’-Motif in the Byzantine (Vernacular) Romances”, in S. Panayotakis, M. Zimmerman, W. Keulen (eds.), *The Ancient Novel and Beyond*, Leiden-Boston, 2003, 385.

¹³ Este romance bizantino encerra com o tradicional *happy ending* das narrativas de amor e aventuras da época helenística. O presente trabalho incide porém nos acontecimentos narrados durante a primeira parte da história, sensivelmente até ao verso 1326, com a morte temporária de Calímaco. É nessa parte que o herói enfrenta dragões, o que já não acontece na segunda parte, cuja acção decorre na corte do rei estrangeiro a mando do qual Crisóroo foi raptada. Nessa última parte da narrativa, os dragões são substituídos pelos criados e conselheiros do rei. São eles que representam o novo perigo que o par protagonista terá de enfrentar. Sobre a estrutura bipartida deste romance, vide Agapitos, “Genre, Structure, and Poetics...”, 28-29; Beaton, “The Byzantine Revival...”, 722-723; Beaton, *The Medieval Greek Romance*, 119-121; Cupane, “Introduzione”, *Romanzi...*, 47-48; García Gual, “Introducción”, 33-35; R. Beaton, “The Greek Novel in the Middle Ages”, in R. Beaton (ed.), *The Greek Novel AD 1-1985*, London, New York-Sydney, 1988, 140-141.

¹⁴ García Gual, “Introducción”, 27.

Neste último episódio, Calímaco recupera a sua autonomia heróica. Certo dia em que passeiam pelas muralhas do castelo de que agora são senhores, os jovens apaixonados ficam perturbados ao ouvir rugidos estrondosos. Apesar de não conhecer a origem de tais sons que muito a inquietam, Crisórroe não tem dúvidas de que pertencem a um dragão, provavelmente da família daquele que a havia raptado e feito prisioneira e que agora pretende vingar-se do jovem casal (vv. 1275-1277). Pela segunda vez, Crisórroe dá instruções a Calímaco sobre como proceder perante a ameaça iminente do dragão, instruções que, no entanto, ao contrário do que acontecera antes, o herói não cumpre. A jovem, aterrorizada pelos fortes rugidos, pede para que o marido não se afaste nem a deixe só (Στέκου σιμά μου, κράτει με, ἔξω μηδὲν ὑπάγῃς, v. 1278). Calímaco faz exactamente o contrário: corre para o interior, em direcção aos aposentos, para ir buscar a espada com que já matara o antigo soberano do castelo (vv. 1279-1280). Armado, vai à procura da origem dos bramidos até que encontra um dragão aterrorizante, sem saber que é na verdade o produto conjurado pelas artes mágicas de uma velha bruxa (vv. 1283-1285):

Τρέχει, πηδᾷ πρὸς τὴν φωνὴν καὶ συρισμὸν ἀκούει
ἐκβαίνει δράκων φοβερός ἔσωθεν ἐκ τοῦ δάσους,
τὸν ἔκαμεν ἐκ μηχανῆς ἡ γραῦς μετὰ μαγείας

Julgando tratar-se de um monstro real, Calímaco lança-se corajosamente contra ele e corta-lhe a cabeça com a espada (vv. 1289-1291). A ilusão desfaz-se e o dragão desaparece. O herói consegue assim a sua terceira vitória neste romance no combate contra dragões.

Matar o dragão constitui uma grande façanha nas tradições épica e cavaleiresca. Trata-se, por norma, de um feito cuja realização se mostra impossível para os homens comuns, estando por isso apenas ao alcance dos que demonstram coragem excepcional e ânimo valoroso. Convencionalmente retratado como um réptil gigantesco, um monstro aterrorizante que voa e cospe fogo, protector de um tesouro imenso ou destruidor de reinos, o dragão representa um perigo que está para além da força humana, razão por que a vitória sobre um dragão constitui um feito prodigioso, sinal da excelência do herói.

Neste romance bizantino do século XIV, Calímaco consegue vencer um grupo de dragões sentinelas, o dragão senhor do castelo e um dragão fantasma, embora nem sempre pelo confronto directo, ou seja, este jovem príncipe nem sempre precisa de combater para triunfar sobre os dragões. Os três inspiram terror nos homens, mas os três possuem características que os diferenciam, podendo inspirar esse mesmo terror de maneiras diferentes.

Os dragões de guarda às muralhas do castelo atemorizam por causa do aspecto físico e da vigilância sempre atenta. A visão é para eles o ponto basilar da sua força – essa característica é contudo superada quando Calímaco escapa à vigília dos porteiros e transpõe os muros para o interior da fortaleza. O dragão que vive no castelo aterroriza devido à força bruta e ao apetite voraz. A sua imensurável voracidade permite-lhe engolir quantidades ilimitadas de comida e de bebida – devorou todos os animais e todos os habitantes do reino de Crisórroe¹⁵ –, mas é também por causa dessa voracidade

¹⁵ Ao lamentar a desgraça que sobreveio à sua família e ao seu reino, Crisórroe admira-se de o estômago disforme do dragão não se ter rasgado, depois de ter engolido um tão grande número de pessoas e de animais (ἔφαγεν, ἐκατέπιεν, ἐφάνισεν τελείως, v. 681 [“Devorou-os, engoliu-os, consumiu-os por inteiro”]; ὦ κρῖμα, πῶς οὐκ ἔσχισεν, πῶς οὐκ ἐρράγην τότε τοῦ παντοφάγου δράκοντος ἡ δυσειδὴς κοιλία; vv. 686-687 [“Oh crime! Como é que não se dilacerou, como é que não se rompeu logo o estômago disforme do insaciável dragão?”]).

que ele sucumbe ao sono que lhe será fatal, pois é morto enquanto dorme. O dragão da bruxa deixa os protagonistas num aflitivo estado de inquietação apenas por se fazer ouvir. A violência que o caracteriza reside no som – são os seus rugidos que assustam o jovem casal e que levam Calímaco a ir buscar a espada de que se serve para cortar a cabeça deste dragão feito de fumo e artes mágicas.

A natureza diversa destes dragões vencidos por Calímaco apenas enaltece a figura deste herói, o qual, não actuando num cenário épico, mostra contudo possuir afinidades com o guerreiro da epopeia antiga. A literatura bizantina, enquanto espaço aglomerador de diferentes tradições e modalidades literárias, recupera muitas das convenções épicas, adaptando-as aos novos parâmetros estéticos de Bizâncio. O jovem príncipe situa-se, como procurei mostrar, entre o herói romanesco e o herói épico, sem pertencer por completo a um ou a outro. Ao partilhar características de ambos (aliando ao risco de enfrentar o perigo a indolência do gesto perante a ameaça aterradora), o herói da literatura romanesca bizantina cabe numa nova classe de personagens heróicas, formada pela mistura de diversos ingredientes¹⁶.

BIBLIOGRAFIA

- W. J. Aerts, “The ‘Entführung aus dem Serail’-Motif in the Byzantine (Vernacular) Romances”, in S. Panayotakis – M. Zimmerman – W. Keulen (eds.), *The Ancient Novel and Beyond*, Leiden-Boston, 2003, 381-392
- P. Agapitos, “Genre, Structure, and Poetics in the Byzantine Vernacular Romances of Love”, *Symbolae Osloenses* 79, 2004, 7-101
- R. Beaton, “The Byzantine Revival of the Ancient Novel”, in G. Schmeling (ed.), *The Novel in the Ancient World*, Boston-Leiden, 2003, 713-733
- R. Beaton, “The Greek Novel in the Middle Ages”, in R. Beaton (ed.), *The Greek Novel AD 1-1985*, London, New York-Sydney, 1988, 134-143
- R. Beaton, *The Medieval Greek Romance*, 2nd ed., London-New York, 1996
- J. B. Bergua, “Noticia Preliminar”, *La novela bizantina: Las Etiopicas, Aventuras de Leukippé y Kleitofón, La Novela de Kallimachos y Chrisorroé*, Madrid, 1965, 525-530
- G. Betts, “Introduction to Kallimachos and Chrysorroí”, *Three Medieval Greek Romances*, New York-London, 1995, 33-36
- E. Castillo Ramírez, “El Calímaco y Crisórroe a la luz del análisis del cuento de V. Propp”, *Erytheia* 21, 2000, 73-118
- C. Cupane, “Il motivo del castello nella narrativa tardo-bizantina”, *Jahrbuch der Österreichischen Byzantinistik* 27, 1978, 229-267
- C. Cupane, *Romanzi Cavallereschi Bizantini*, Torino, 1995
- C. García Gual, “Introducción”, *Calímaco y Crisórroe*, Madrid, 1990, 7-40

¹⁶ Atendendo ao carácter misto do romance grego antigo, Lars Nørgaard explora a adaptação de outros elementos épicos neste género bizantino, propondo “an approach to a literary evaluation of the romances by discussing a central aspect, viz. the coherence of motives common to this kind of literature and its impact, as essentially an *epic* quality, upon the interpretation and the proper appreciation of the literary merits of the genre”. L. Nørgaard, “Byzantine Romance – Some Remarks on the Coherence of Motives”, *Classica et Mediaevalia* 40, 1989, 273. Sobre a caracterização romanesca do herói e o motivo do combate no romance bizantino, vide H.-A. Theologitis, “Pour une typologie du roman à Byzance. Les héros romanesques et leur appartenance générique”, *Jahrbuch der Österreichischen Byzantinistik* 54, 2004, 207-233.

- H. Hunger, “Un roman byzantin et son atmosphère: Callimaque et Chrysorrhoe”, *Travaux et Mémoires* 3, 1968, 405-422
- L. Nørgaard, “Byzantine Romance – Some Remarks on the Coherence of Motives”, *Classica et Mediaevalia* 40, 1989, 271-294
- M. Pichard, “Introduction”, *Le Roman de Callimaque et de Chrysorrhoe*, Paris, 1956, xv-xl
- G. Van Steen, “Destined to be? Tyche in Chariton’s *Chaereas and Callirhoe* and in the Byzantine Romance of *Kallimachos and Chrysorroï*”, *L’Antiquité Classique* 67, 1998, 203-211
- H.-A. Theologitis, “Pour une typologie du roman à Byzance. Les héros romanesques et leur appartenance générique”, *Jahrbuch der Österreichischen Byzantinistik* 54, 2004, 207-233